

Uma leitura da terra e do mar em Domingos Pellegrini e Miguel Sanches Neto

Naira de Almeida Nascimento

*Amaram o amor urgente
As bocas salgadas pela maresia
As costas lanhadas pela tempestade
Naquela cidade / Distante do mar*

Chico Buarque, "Mar e lua".

Os nomes de Domingos Pellegrini e Miguel Sanches Neto evocam quase imediatamente o cenário do norte paranaense. Domingos Pellegrini responde pela construção ficcional deste espaço na literatura nacional. *Terra vermelha* (1998) não só imprime a marca do novo norte do Paraná na rota da literatura brasileira, como também equivale, nos nossos parâmetros, à função desempenhada por *O tempo e o vento* para o território gaúcho, ou seja, uma literatura de fundação.

A saga de José Pellerini e de Sebastiana, provenientes das plantações de cana-de-açúcar do interior paulista, em direção à terra das promessas, repassa o drama de milhares de imigrantes oriundos dos vários cantos do Brasil e do mundo no rastro do ouro verde.

Antes, contudo, de *Terra vermelha*, outros contos já destacavam o escritor londrinense, como os de *O homem vermelho* (1977). Alguns deles, como "As últimas perobas", recriam a força bruta mas também mágica da ocupação daquele espaço. Na linha ainda da violência fundacional encontram-se *As sete pragas* (1979), fundindo o discurso bíblico da criação do mundo à transformação do espaço primitivo. Já *Pensão Alto Paraná* (2000), alusão ao antigo empreendimento familiar, reorganiza antigos contos, conferindo-lhes uma disposição mais ligada à geografia da terra vermelha.

É através do contista Domingos Pellegrini que Miguel Sanches Neto tem contato com uma vertente da literatura brasileira contemporânea estranha ao circuito dos grandes centros urbanos. "O encalhe dos trezentos", de *O homem vermelho*, cuja ação se dá numa estrada próxima a Peabiru, cidade onde Sanches Neto passou a infância e a adolescência, tem o gosto de descoberta.

Reconhecendo o legado de Domingos Pellegrini, ele percebe que a literatura poderia ser feita a partir de referências comuns, ou seja, do seu entorno.

Chove sobre a minha infância (2000) vai marcar a estreia romanesca de Miguel Sanches. Privilegiando a visão do menino, outro traço da escrita de Domingos Pellegrini, o romance desconcerta o leitor pela forte presença autobiográfica. É, no entanto, do retrato de gerações que procuram se estabelecer neste novo mundo e na nova organização familiar que trata o livro. Envolvidos na trama, a avó, o pai, a mãe, o padrasto, como também o protagonista, que, ainda que marcado indelevelmente pelo seu meio e sua gente, caminha para o rompimento com aqueles laços. Ele, homônimo do autor, procura no salto para cidades maiores as condições de subsistir por meio da atividade intelectual, em franca oposição ao seu meio que o relegava ao trabalho braçal. O confronto entre os dois mundos, rural e urbano, passa a ocupar assim um lugar determinante nessa produção.

O (antigo) novo norte paranaense

Pellegrini e Sanches Neto não falam apenas de um espaço comum, mas também de um tempo e de formas de vida que se extinguíram:

Acabaram-se os porcos criados nos quintais. Acabaram-se ainda os próprios quintais tais como eles eram: versão mínima da chácara, com chiqueiros, galinheiros, pés de fruta, pequena roça de milho, mandiocal, horta e um rego de água correndo do tanque para as árvores. Acabaram-se também alguns prazeres que só estes quintais parentes da roça nos davam¹.

Enquanto em Domingos Pellegrini, lemos:

As velhas casas de madeira vão caindo uma a uma, e não é tanto delas que sinto falta, não. Sinto falta é do jardim com pés de alecrim, tinhorão e aquelas “folhagens” de folhas coloridas, que só as casas de madeira têm (...)

Sinto falta do prego na parede onde pendurar tantas coisas, paletó, sacola, embornal, cantil, espingarda, estilingue.

Sinto falta das conchas e escumadeiras penduradas na parede acima do fogão, e das lingüiças penduradas no varal de arame.²

¹ Sanches Neto, *Impurezas amorosas*, p. 181.

² Pellegrini, “Casa de madeira”.

A identificação com o mesmo espaço pode ser sentida também na re-tratação dos temas. “O último porco”, de *Pensão Alto Paraná*, e “Sabor”, de *Hóspede secreto*, resgatam a matança do porco como cerne da economia doméstica e, por consequência, como centro nas relações afetivas familiares.

O menino de “O último porco”, ainda crente em Papai Noel, acompanha o ritual da matança do porco executado por seu avô na época do Natal. Enquanto prepara e separa as partes do animal, o neto ouve as peripécias do avô sobre seu tempo de tropeiro. Esquecido do motivo que o havia retirado da cama tão cedo, testemunhar a passagem do velhinho, o garoto vai povoando sua imaginação através da narração com outros seres mágicos, naquele que seria o último Natal do avô e o último que reuniria toda a família.

A excepcionalidade da matança do porco em “Sabor” dá-se na justificativa da ausência escolar naquele dia para o menino e seus irmãos. Quando as crianças acordam, o padrasto já seguia na função. A piedade do menino para com o animal pronto a ser sacrificado origina a repreensão do padrasto. Depois de dividido em partes, é a vez de a mãe entrar em cena. A ela caberia o armazenamento dos bifês, das linguças, do torresmo, que alimentariam a família até à morte do próximo porco. Como no conto anterior, o ritual costura uma sorte de sociabilidade relegada ao passado.

Os sujeitos desses textos compartilham ainda uma alegada aversão tecnológica. Enquanto o narrador de Pellegrini se autointitula um dinossauro, visto não possuir ainda hoje um telefone celular³, o de Miguel Sanches não deixa por menos. Não só revela seu constrangimento com aquele aparelho, como estende o desconforto com outras peças da modernidade, como o micro-ondas:

Todas as vezes que seu celular tocava, ele tinha um sobressalto. Seu coração acelerava, intensificando a circulação do sangue. Atendia a chamada com um tom de voz doído, como se tivesse sido agredido.

Não conseguia mais viver sem celular. Durante anos, resistira. Mas agora era impossível. Para não se entregar de vez à barbárie eletrônica, não deixava entrar forno de microondas em casa. Nos momentos de entusiasmo, com os amigos mais íntimos, gostava de se apresentar como último-homem-na-face-da-terra-sem-microondas.

Azar o seu – diz a mulher – Terá que comer sempre comida fria⁴.

³ Pellegrini, “Dinosaurices”.

⁴ Sanches Neto, “Mute”.

O campo e a cidade

Se não há dúvidas que a prosa de Domingos Pellegrini e de Miguel Sanches Neto nutre-se sem parcimônia das referências sócio-culturais desta fatia do estado paranaense, outro desdobramento se revela nos seus escritos. Assim como na ficção de Miguel Sanches Neto, a escrita de Domingos Pellegrini comporta uma boa dose autobiográfica. Em relação a Pellegrini, não há como dissociar a experiência do escritor empírico e a do sujeito ficcional em direção ao mundo rural, ou, pelo menos, ao que resta dele.

Enquanto *Terra vermelha* descreve o caminho da família do campo para a cidade, a fase mais recente da produção do autor aponta para o trajeto oposto. O romance *O caso da chácara chã* (2000) e o volume *Notícias da chácara* (2002) confirmam o pressuposto.

O caso da chácara chã é ambientado numa propriedade limítrofe à zona urbana. Lá o escritor Manfredini, a companheira Olga e a filha iniciam uma nova vida distantes do burburinho da cidade. O ansiado clima paradisíaco é, no entanto, quebrado por um assalto à casa. Frustrado o intento, o escritor participa o fato à polícia, quando os problemas verdadeiramente começam. Como os arrombadores pertencem a famílias com influência no meio social, no processo movido contra eles, as vítimas acabam passando à posição de réus. Absurdo? É esta mesma a ótica do romance sobre o poder, o que, no saldo, constitui mais um argumento para o isolamento da família nas cercanias do seu domínio.

Não deve constituir novidade que, após uma longa vivência urbana, inclusive de alguns anos na cidade de São Paulo, Domingos Pellegrini realizou o sonho editado por Manfredini, transferindo-se para uma chácara de três mil metros nas imediações de Londrina. Em seu *blog*, o autor costuma atualizar seus leitores com as novidades sobre o dia-a-dia, voltado para a plantação e para a contemplação das novas floradas ou das últimas frutas. O deslumbramento do narrador é patente:

OS COQUEIROS estão dando cocos; parece óbvio dizer isso, mas o óbvio é o melhor da vida (...) Coqueiro só pode dar coco, claro, mas na verdade, só dá mesmo se você cuidar, adubar, irrigar, defender as flores e os coquinhos novos contra insetos. Aí você terá suco natural, doce e dietético, em embalagem perfeita. Coco é a fruta que mais dá gosto cuidar. Abro um, as cachorras ficam com olhos pedintes esperando pela

polpa. Cada coco é uma festinha: todos bebem um pouco da água, a polpa vai para os cachorros, a casca vai virar adubo, sobra até uns farelos no chão para as formigas⁵.

Resultado desta experiência é a reunião *Notícias da chácara* (2002), composta por verbetes apresentados meio aleatoriamente e que adentram o universo do agricultor. A introdução justifica a razão de ser do livro e testemunha uma das idiossincrasias urbanas do autor:

Quando mudamos para a chácara, logo alguém lembrou que dá duas alegrias - uma, quando a gente compra, e outra quando vende... Mas a primeira alegria já foi o silêncio, sem a barulheira da cidade, onde eu quase enlouquecera, com o apartamento a toda hora invadido por barulheira cívica, religiosa, política, sindical, comercial, estudantil, ou simplesmente barulhal mesmo, que no Brasil poluição sonora é o mais impune dos delitos⁶.

Enquanto o sujeito em Domingos Pellegrini mostra-se apaziguado com o espaço natural, o de Miguel Sanches Neto teima em reivindicar uma intolerância com este domínio:

Aos que gritam por ares campestres, aos que gostam de pernilongos, borrachudos, abelhas e também moscas varejeiras, e que acham que o campo oferece o contato com a natureza, e que recebem picadas, evitando o uso de repelente, aos que acreditam nisso tudo peço que respeitem minha opção de inalar gás carbônico nas cidades, de sentir o cheiro de esgoto em cada esquina, porque a cidade nos proporciona uma experiência de realidade, enquanto o campo não passa de uma mentira.

O canto ardido dos passarinhos é tão irritante quanto o alarme disparado nas casas vizinhas, o barulho dos carros, a conversa sem fim dos noctívagos. Não, não se iludam, o mundo é só poluição. Então peço a todos os convertidos pelo contato com a natureza que calem essa matraca de pastor pentecostal, que quer salvar o mundo só da boca para fora, e talvez do bolso para dentro, e me deixem envelhecer com minha mente poluída⁷.

⁵ Pellegrini, *Notícias da chácara*, p.123.

⁶ Id, p. 7.

⁷ Sanches Neto, "Me deixem".

Sujeito ainda preso às referências rurais, expõe periodicamente o desejo de partir para experiências mais cosmopolitas. Enquanto isso, convive num entre-lugar, nem campo nem a cidade sonhada. A meio caminho geograficamente: Ponta Grossa.

Sim, até em Ponta Grossa é possível ser feliz, não dessa felicidade colorida da tevê, mas da outra, tímida e humilde, dos homens cinzas, sempre com uma dor vaga no olhar, ombros levemente arcados, o passo lento a cruzar a avenida, indiferente às vitrines e a seus encantos⁸.

Outras vezes, revela o desejo de retornar às raízes. Mas, desapontado, porque a cidade de hoje não é a Peabiru do passado, o sujeito retrocede.

Evidentemente que a configuração contemporânea não permite uma oposição tão drástica entre campo e cidade. A chácara de Pellegrini, por exemplo, situa-se numa fronteira:

no meio da encosta, recebemos a enxurrada do conjunto habitacional vizinho: nossa rua é asfaltada e tem de um lado as chácaras, do outro lado o conjunto – onde entopem os bueiros com folhas, garrafas, pneus, paus, pedras, latas e todo tipo de tranqueira, de modo que a chuva vem toda, alagando a rua e descendo em caudal pela entrada do carro, formando riacho que vai bater lá no muro do fundo⁹.

Miguel Sanches Neto, por sua vez, agora pacificado com o mundo tecnológico, testemunha o imbricamento dos ambientes, o rural e o urbano:

Quando vim para Ponta Grossa, em 1993, tudo era muito difícil. Como uma linha de telefone custava um horror, e começando eu a escrever aqui na Gazeta do Povo, mandava minha matéria por fax, mas do posto telefônico. Aproveitava todas as idas a Curitiba, São Paulo e Campinas para comprar livros (...) Hoje, os arquivos dos livros que escrevo chegam em formato pdf, isto é, com a mesma feição em que serão impressos; e posso ter acesso a eles em qualquer lugar, mesmo em Peabiru (...) A roça virou metrôpole¹⁰.

⁸ Sanches Neto, “Ser feliz em Ponta Grossa”.

⁹ Pellegrini, *Notícias da chácara*, p. 10.

¹⁰ Sanches Neto, “Escritor em férias”.

Ou na reflexão:

Vestimos as mesmas roupas, apreciamos os mesmos alimentos e bebidas, lemos os mesmos livros. A natureza virou um valor metafísico, uma espécie de paraíso, que queremos intocado para nossa segurança, sem suportá-la de perto. Claro, defendemos a preservação da Amazônia, mas quem conseguiria ser feliz lá, sem os confortos da modernidade tecnológica?¹¹.

A apreciação desses textos faz prever uma rua de mão dupla. Enquanto Domingos Pellegrini assinala um retorno às raízes familiares, Miguel Sanches parece sonhar com as facilidades culturais e sociais proporcionadas pelas megalópoles contemporâneas.

Contudo, uma análise atenta voltada para outro referencial natural, o mar, ilumina outros aspectos significativos. A figuração das paisagens marítimas, apesar de não possuir o mesmo estatuto que as imagens do norte paranaense nos textos destes escritores, pode dizer muito sobre a relação estabelecida entre o sujeito e seu entorno.

Parecendo estranha à primeira vista, devido à fraca intimidade da obra com o ambiente marítimo, quer nos parecer que é justamente esta equidistância que torna mais explícitas tais relações com o espaço.

Figurações do mar

No conto “Minha estação de mar”, do volume *Tempo de menino*, de Domingos Pellegrini, o menino-narrador viaja em direção ao mar com a família: os pais, a irmã e a empregada doméstica. A aquisição do primeiro carro é o argumento para empreender a longa viagem de férias. Sempre em desacordo, pai e mãe passam o tempo em fúteis discussões, enquanto o menino vai descobrindo no veículo os limites de sua parca liberdade:

Dormi e acordei com sol na cara, as pernas querendo esticar e uma zoeira no ouvido. Alice também acordou e brigamos nem lembro por quê, então ela passou pro banco da frente, junto da Mãe, e fiquei sem ter o que fazer. Passavam os canaviais mais compridos e os maiores cafezais do mundo, e comecei a empurrar os bancos com os pés, mas não podia. Comecei a mexer nas maçanetas mas podia muito menos. Então

¹¹ Sanches Neto, “Conflito alimentar”.

encostei a cara no vidro da janela mas nem isso podia. Examinei o cinzeiro por dentro e por fora várias vezes, comi um ovo cozido, dois, três, até enjoar de arrepiar, depois chupei laranjas que a Linalva ia descascando¹².

Após um difícil pernoite num hotel pouco recomendado da cidade de São Paulo, o Hotel Paraíso, a família retorna à estrada e também aos problemas: um indigesto almoço em Aparecida do Norte, o pneu furado, os enjoos da filha mais nova. Alugada a casa na praia, o menino, diante da ansiedade de conhecer o mar, deve aguardar ainda um dia na arrumação e limpeza da casa. Só na manhã seguinte é que se dá o encontro:

No dia seguinte Pai pegou a gente logo cedo, viramos a esquina e lá na frente, no fim da rua, apareceu uma coisa azul. Fomos andando e a coisa foi mexendo e às vezes embranquecia, Pai apontou: – Olha lá as ondas. Quando a rua acabou e aquilo já era a maior água que já tinha visto na vida, chegamos numa areia onde era preciso cuidado pra não pisar nos bichinhos (...) e continuamos ali, o coração batendo junto com as ondas e um vento que parecia subir da água, de tão molhado e cheiroso de mar¹³.

Pouco pôde aproveitar a novidade. A chegada da mãe faz-lhe entender que o mar é perigoso, que é preciso passar creme, que o mar “tinha horário pra gente entrar e sair da água, horário de sol e de sombra...”¹⁴. Os dias que se seguem são chuvosos. Com uma previsão atmosférica nada animadora para o resto das férias, a família decide empreender algumas visitas a parentes numa cidade próxima.

É o fim do idílio para o menino. Na noite anterior à partida, resolve se despedir do mal conhecido mar. Sem que ninguém repare sua ausência, vai até à praia: “Fiquei tempo ali, até sentir frio de tão molhado era o vento”¹⁵. Conclui tristemente ser aquela estação a única que não deixara suas marcas na mão do menino, contrariamente às outras já vividas:

A estação dos piões deixava no fura-bolo um calo em anel, onde a feira apertava, e um furo na unha do mata-piolho, onde a ponta do pião girava até esquentar. A estação das bolinhas-de-gude marcava o nó dos dedos com calos rachados igual

¹² Pellegrini, *Os meninos crescem*, p. 12.

¹³ Id., pp. 31-2.

¹⁴ Id., p. 32.

¹⁵ Id., p. 34.

terra seca. Aí começava a estação dos rolimãs e os calos pretejavam de graxa, até a estação das mangas¹⁶.

Espaço interdito que parece exercer uma função oposta àquela prometida pelo mar, o que acaba se realizando em “Homem ao mar”, de *Meninos e meninas* (1995). O conto tematiza um ritual de passagem. Narrado pelo pai, consagra-se a transição do menino para a adolescência através de uma prova marítima.

Num fim de tarde, passeando pela praia, o pai indaga ao filho acerca das transformações físicas ocorridas com ele, concluindo a seguir que o menino “está começando a virar homem”¹⁷. Seguem até um rochedo, onde o pai ensaia a linha em busca de algum peixe. Na euforia de puxar um peixe que abocanhou a isca, uma onda maior acaba por arrastar o menino consigo. Valendo-se de sinais para indicar que o filho não deve voltar ao rochedo, sob pena de ser jogado contra as pedras, o pai retira o calçado e lança-se também à água. A tentativa de rodear o rochedo e sair na praia torna-se muito mais difícil que o imaginado. O exercício de furar as altas ondas rapidamente esgota ambos. A noite sobrevém e eles tentam nadar em direção às luzes. O filho apavora-se diante da distância que ainda devem vencer:

mas logo voltam a nadar juntos, o pai arfando tanto que pensa meu Deus, eu é que não vou agüentar, e começa a repetir mentalmente meu Deus, meu Deus, meu Deus. Nunca estive tão fora de forma na vida, tanto vinho, tanta cerveja; então promete que, se saírem dessa, não bebe durante um ano. Passa mais uma onda, o menino pára, respira olhando para ele com um olhar que é um borrão, e o pai promete nunca mais beber na vida¹⁸.

Com as forças que restam, alcançam a areia da praia. No dia seguinte, ainda no hospital, o filho retoma a conversa do dia anterior: “Quando cresce pelo na gente é que vira homem? Então homem sem pelo não é homem?”, recebendo logo a resposta paterna: “...você já é um homem, meu filho, você é um homem já”¹⁹.

¹⁶ Id., p. 7.

¹⁷ Pellegrini, *Meninos e meninas*, p. 63.

¹⁸ Id., pp. 70-1.

¹⁹ Id., p. 73.

“De volta para o mar” compõe-se de vários fragmentos, *flashes* de uma grande família em férias na praia. O foco narrativo é mais uma vez o menino, mas agora o filtro ocorre pelas lentes do homem maduro. Talvez o mesmo pai de “Homem ao mar”, que adverte o filho, “Cuidado com o mar!”, da mesma forma como fizera seu pai com ele em criança.

O título justifica-se por esta ideia de retorno físico e temporal: “Quanta gente, quantos prédios cadê tudo que não existe mais? Por que de repente o coração dispara aqui onde aquele dia quase afoguei? (Será o susto de se rever menino ou do menino ver o homem que virei?)”²⁰. O conto atesta as mudanças que o mar opera nas pessoas. O tio, deslumbrado com as beldades em trajes de banho, filosofa: “– O que o mar não faz com a gente, meu Deus!”²¹. Também em forma de gracejo, o narrador avalia a consideração de outro tio diante do carro em vias de se corroer com a maresia (“O que o mar faz com o carro, isto sim”) ou a da mãe, ao se olhar no retrovisor à partida (“É mesmo, o que o mar não faz com a gente”). Um pouco mais dramática é a consumação de um caso amoroso entre “a tia [que] era de um tio e o tio [que] era de outra tia”²². A maior transformação, contudo, cabe ao narrador, antes, perdido nos olhos da priminha. Hoje, ela tem três filhos, ao passo que ele usa boné na praia e passa creme nas suas crianças.

O mar atravessa a vida do sujeito, pontuando suas fases. Aquele que, diferentemente de “Minha estação do mar”, deixa suas marcas, suas impressões no corpo e na alma. A advertência do pai ao filho (“Cuidado com o mar”) revela justamente o temor paterno de que tais marcas sejam dolorosas no aprendizado do filho.

Transformação também é a ideia evocada por “Fidelidade”, de *Impurezas amorosas*, de Miguel Sanches Neto. Um casal, vivendo uma fase morna do casamento, conhece uma exuberante jovem morena, num fim de semana no litoral. Animados com a novidade que o destino lhes coloca à porta, Joaquim e Tina tornam-se mais receptivos aos estímulos externos:

As duas ficaram conversando, e foi a vez de Joaquim, disfarçando o entusiasmo que lhe estufava o peito, ir para a água. Nunca tomava banho de mar; aquele era

²⁰ Id., p. 98.

²¹ Id., p. 92.

²² Id., p. 97.

um prazer novo. Tentou alguns mergulhos, deu braçadas a esmo e retornou com os ouvidos entupidos²³.

As sugestões que Joana proporciona ao casal, seja desfilando em pequenos trajes pelo apartamento do casal, seja nas sessões de cremes protetores na praia, favorecem a renovação da vida sexual de Joaquim e Tina:

Almoçaram num restaurante especializado em camarão, depois pediram sobremesa, os três em roupa de banho. Joaquim detestava fazer as refeições com aqueles trajes, nunca ia a um restaurante sem antes tomar banho e pôr roupas decentes. Tudo era novo. Até aquela vulgaridade anti-higiênica²⁴.

Não há novidade na química propiciada pela estação solar, pelos corpos bronzeados etc. Aliás, este costuma ser o padrão metafórico. O que se pretende, a partir da tônica nestes elementos, é traçar uma mudança de rumo nas demais crônicas do mesmo volume que se reportam ao mesmo ambiente.

“Casa no litoral” descreve um típico veranista no mês de janeiro: cabelos úmidos, calção e camiseta, óculos escuros, tênis colorido, muitas cervejas, caipirinhas, caminhadas, corpo bronzeado, calor, brisa, sorvete. A única estranheza é que ele não está de fato no litoral, mas sim na sua casa a centenas de distância do mar, em Ponta Grossa. O efeito surpresa é mantido na construção do texto, fazendo com que, só ao final, o leitor se dê conta do equívoco.

O conto opõe a imagem de um espaço sedutor que se dispersa com a aglomeração humana e o ambiente de veraneio: “É preciso amar o mar. Restaurantes vazios, pouca gente pelas ruas, sempre de sandálias e bermuda, um sentimento de retorno à existência descompromissada da infância. Fico lendo no quintal – pois agora consegui uma casa litorânea”²⁵.

Ou seja, segundo ele, os benefícios que poderiam advir do contato marítimo só se tornam possíveis atualmente bem distante do elemento natural, num meio isolado por paredes à volta, muros altos e quintal protegido: “Distantes, o mar e suas ondas, seu sal, seus corpos com cheiro de protetor

²³ Sanches Neto, *Impurezas amorosas*, p. 10

²⁴ Id., p. 12.

²⁵ Id., p. 18.

solar. Eu os deixo de lado para ficar com o melhor da praia, que é esta disponibilidade para não fazer nada”²⁶. A conclusão filosófica, contudo, pretende superar o confronto físico: “O mar, descobri, é a parte menos necessária do litoral, porque o mar de que precisamos, este está na gente. Devemos apenas aprender a amar esse outro mar”²⁷.

“Mar ausente” evidencia uma outra curiosidade. O texto compõe-se a partir da sugestão geológica de que os Campos Gerais já foram banhados pelo mar:

Poucos entendem o privilégio de morar no fundo do mar. Essa possibilidade foi o que sempre me atraiu nos Campos Gerais. É muito fácil reconhecer as marcas deixadas pelo oceano nessa região. Como não acredito no tempo, percorro os cânions ignorando que o mar nos deixou, concentrando-se como geleiras nas calotas polares. Assim, vivo a estranha experiência de poder andar pelo mar, como nas Sagradas Escrituras²⁸.

O mar assume-se aqui não apenas como um elemento localizado geograficamente, mas sobretudo pela carga poética de algumas passagens, que o eleva quase a uma categoria mágica. Tal como miragem, ele transmuta-se de mar em deserto e vice-versa. Em comum entre estes opostos complementares, a solidão. É, contudo, também sinal de um mundo em ruínas: “O universo resta abandonado nestas paragens onde prevalecem as pedras e muita terra pouco agricultável, com imensas oportunidades de solidão”²⁹.

Ainda no campo do onírico pode-se ler “Fundo do mar”. Apesar de compor um volume de crônicas, o texto inscreve-se tranquilamente na categoria de conto. Trata-se de um singular e belo conto de amor. A estranheza, ainda que subentendida, não é logo de início esclarecida. Uma moça cata conchinhas na praia, no que é auxiliada por alguém que dela se enamorou. Em lugar de conchas perfeitas, ela exige caquinhos. Dizia que eram notícias do mar. Ela confessa o desejo de morar no fundo do mar, um lugar onde o olhar deles não acompanha, além da linha do horizonte. No encontro do homem com os pais da moça, aflora a verdade: ela é especial. O convívio entre eles permanece e daí nasce um namoro adolescente; “trocavam alguns

²⁶ Id., p. 19.

²⁷ Id., p. 22.

²⁸ Id., p. 59.

²⁹ Id. ib.

afagos, andavam pela areia, catavam conchas”³⁰. As férias terminam e ele parte, para retornar, devido às saudades, no primeiro fim de semana. Os pais acreditam terem encontrado quem dela possa cuidar. Em breve, casam-se e mudam-se para Ponta Grossa:

O novo casal foi morar numa propriedade agrícola, herança do avô dele, até então usada apenas nos fins de semana. Nas imediações ainda se acham conchas. Antes da elevação do continente, toda a região tinha sido mar. Os paredões de pedras, o chão de laje e o solo arenoso contavam uma história natural de milhões de anos³¹.

A peculiaridade na retratação do mar é que, a exemplo do texto anterior, ele se coloca numa zona de pouca precisão concreta, parecendo habitar um espaço mais da ordem do onírico. Sobressai deste texto em particular uma atmosfera feérica. Tem-se a impressão de se ler através de um filtro aquático, como quer o seu título.

Conclusão

Diferentemente de Domingos Pellegrini, em que o mar assume uma marca da passagem do tempo, os textos de Miguel Sanches Neto nos levam a compor a impressão de um “mar ausente”, entidade abstrata ou onírica, que só se concretiza numa esfera distante da realidade. A confissão vem na boca do professor Carlos Eduardo Pessoas, protagonista do último romance do autor, *A primeira mulher* (2008): “Num restaurante do Centro, pedi peixe grelhado, coisa que não comia havia muito tempo. Sempre me mantive longe do mar, mesmo dessa parte já totalmente afastada dele que era um filé de linguado que ficara dias no freezer”³².

Se em Pellegrini as narrativas marítimas estão associadas à ideia de superação, por vezes de maneira até violenta, em Sanches Neto, elas se apresentam como visões problemáticas para seus personagens. Com referência à *polis*, a relação destoa. Para o primeiro, ela se assume como centro problemático, *locus* das aberrações contemporâneas. Já para o outro, se ela funciona como atrativo em certas situações, se opondo ao elemento natural, sua assimilação não é tão simples.

³⁰ Id., p. 77.

³¹ Id., p. 79.

³² Sanches Neto, *A primeira mulher*, p. 219.

Não se trata de uma oposição entre o espaço natural e o civilizacional, mas de aspectos que tocam a transitividade e a intransitividade. O caminho de Pellegrini para o campo não denuncia fuga, mas uma tentativa de resgatar o que se dissipou na experiência urbana. Paradigmático neste sentido é o esforço de Manfredini, de *O caso da chácara chã* restabelecer os vínculos com a sociedade, vizinha à chácara, ainda que o mundo possa parecer caótico.

Em Sanches Neto, o mundo natural parece não poder lhe oferecer as saídas esperadas. O aceno da megalópole esconde, no entanto, o desejo de diluição do sujeito e não necessariamente o encontro com o outro. Cidade aqui torna-se sinônimo da recusa do confronto, já expressa diante do meio natural. Daí a relevância da ideia de ruína, ou seja, o que evidencia a decomposição, aquilo que sucumbiu diante do olhar. O mar ausente é também o mar intransitivo.

Em lugar dos espaços abertos, assoma-se aqui a experiência do interior, do voltar-se para dentro. Em lugar do mar, a concha. Concha que se materializa no refúgio da casa. Ou ainda num micro-espaço dentro dela, a biblioteca, espaço que se abre para o mundo de maneira muito singular:

Ao começar a organizar os livros, estou me organizando. E eles ainda funcionam como uma pele artificial que me protege do mundo, como uma outra casa, habitada por uma família dispersa no tempo e no espaço, mas que hospedo como uma forma de me opor à instabilidade de tudo³³.

Muito além do quintal intramuros, a arquitetura da biblioteca descreve o insulamento do sujeito: “Exilado na biblioteca sem janelas, ligo o ar-condicionado, que me afasta completamente do mundo ao lado. Estou agora dentro de uma espaçonave, ouvindo o barulho dos motores, a muitos quilômetros-luz da Terra”³⁴.

Invólucro que raramente é rompido, como na conclusão de *A primeira mulher*:

Eu estava com as unhas sujas, era uma satisfação arcaica sujar as unhas, porque aquela terra me batizava, um batismo um tanto temporão, mas reconfortante. Mãos sujas, os joelhos tocando a terra, o bico do sapato afundado no chão. Toda rota acabava

³³ Id., “Uma outra pele”.

³⁴ Id., “Favor não incomodar”.

sempre no lugar da partida. Vivíamos uma trajetória circular. Não havia progresso. Só regresso, pelo menos esta era minha experiência. Seguir era voltar³⁵.

Referências bibliográficas

- PELLEGRINI, Domingos. *O homem vermelho*. Belo Horizonte: Leitura, 2007.
- _____. *Sete pragas*. Belo Horizonte: Leitura, 2007.
- _____. *Os meninos crescem*. 2ª ed. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- _____. *Meninos e meninas*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Terra vermelha*. São Paulo: Moderna, 1998.
- _____. *O caso da chácara chão*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *Notícias da chácara*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- _____. “Casas de madeira”. Disponível em URL: <<http://www.sitioterravermelha.com.br>>. Acesso em 12 abr. 2008.
- _____. “Dinossaurices”. Disponível em URL: <<http://www.sitioterravermelha.com.br>>. Acesso em 18 ago. 2008.
- SANCHES NETO, Miguel. *Chove sobre minha infância*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *Hóspede secreto*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. *Impurezas amorosas*. Belo Horizonte: Leitura, 2006.
- _____. *A primeira mulher*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. “Uma outra pele”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 out. 2007.
- _____. “Me deixem”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 7 dez. 2007.
- _____. “Escritor em férias”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 fev. 2008.
- _____. “Favor não incomodar”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 mar. 2008.
- _____. “Conflito alimentar”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 jun. 2008.
- _____. “Mute”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 jul. 2008.
- _____. “Ser feliz em Ponta Grossa”. Disponível em URL: <<http://www.miguelsanches.com.br>>. Acesso em 15 fev. 2008.

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado para publicação em dezembro de 2008.

Naira de Almeida Nascimento – “Uma leitura da terra e do mar em Domingos Pellegrini e Miguel Sanches Neto”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 33. Brasília, janeiro-junho de 2009, pp. 141-155.

³⁵ Id., p. 331.